



A Produção Jornalística em Meio Ambiente sob a Ótica da Crítica de processo: Conceitos; Questões e Análises¹

Janaína Sarah Pedrotti²
Cecília Almeida Salles³

Resumo

Diante da diversidade do panorama do jornalismo contemporâneo esta comunicação tem por objetivo discutir a cobertura jornalística a partir de uma crítica de seus processos de criação e ressignificação. Ao reconhecer o jornalismo como processo de construção, o presente artigo tem por opção metodológica central a crítica de processo, abordagem que tem suas origens na crítica genética e na semiótica, e que vem sendo utilizada no Brasil, principalmente, pelos pesquisadores do Centro de Estudos de Processos de Criação do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. De modo mais específico será discutida uma proposta de abordagem crítica para os objetos da comunicação na cobertura jornalística em meio ambiente. Para tanto, serão apresentadas algumas reflexões sobre a complexidade das relações entre as produções jornalísticas e seus processos de construção, através do estudo sobre cobertura jornalística referente à desintrusão na reserva indígena Marãiwatsédé. Como possíveis inferências pode-se pensar que a crítica de processo pode ser utilizada como um importante instrumento que permite analisar o fazer jornalístico à luz da complexidade.

Palavras-chave: Jornalismo; Crítica de processo; Complexidade

1. Apresentação

Refletir sobre a produção jornalística significa pensar uma estrutura que interage e atua na composição social, ao mesmo tempo em que é tomada pela complexidade do autor, suas interações e paradigmas. A partir da prática discursiva os sujeitos agem na formação social, portanto, estudos que abordem o tema são importantes para pensar também as relações sociais no campo da Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Doutoranda do programa de Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Professora de Jornalismo da Universidade Federal De Mato Grosso, email: jspedrotti@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: cecilia.salles@gmail.com



O enfoque deste artigo refere-se à cobertura jornalística na mídia comercial, com suas estruturas operacionais fixas de produção industrial, mas que nos meandros da atividade, necessariamente precisa passar pelo complexo processo de elaboração, produção e edição que têm marcas da subjetividade.

Dinâmica estudada aqui na perspectiva da produção coletiva, mas que se desenvolve em aparente e contraditória atividade individual. Ambiciona-se refletir então sobre este movimento incerto, que ao ser estudado pode ser desmistificado, repensado e posto sobre reflexão.

Essa discussão integra um conjunto mais amplo de estudos desenvolvidos por pesquisadores do Grupo de Pesquisa 'Crítica dos Processos Criativos' junto ao Programa de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São iniciativas que fazem parte do processo e expansão dessas pesquisas para além da literatura, na medida que ampliaram o campo de ação da crítica genética, historicamente mais voltada a textos literários.

Ao resgatar a trajetória de investigações na Crítica dos Processos Criativos, Cecília Salles (2011) lembra que a metodologia foi assim nomeada e desenvolvida pelo ITEM/CNRS⁴ (Paris), ao longo de quase duas décadas, tendo como objeto de pesquisa a criação de textos literários. Embora, ao ser colocada em diálogo para outros campos do conhecimento, originou pesquisas de mestrado e doutorado sobre o processo de produção jornalística, produção artística, publicitária, entre outras áreas, em uma evidente expansão no objeto estudado.

Caminho de experiências e estudos que levam a uma teoria geral do ato criador, que Salles conceitua como morfologia da criação. “Por necessidade científica, mais recentemente, alguns pesquisadores vêm avançando em direção a uma generalização sobre o processo de criação, levando a princípios que norteiam uma possível morfologia da criação”, (SALLES, 2002^a, p. 64).

Estamos falando de análises de processos em diversas formas de expressão sejam publicitárias, jornalísticas, científicas. Repetições, acasos e bifurcações que dão sustentação no sentido de se estabelecer padrões sobre o ato criador. O que pode permitir uma análise sobre o fazer em múltiplas áreas do conhecimento.

Fazer marcado por indicações ou pegadas, apreendidas sejam por suas repetições, ou mesmo, por introdução de percepções que ocorrem em meio ao processo

⁴ Institut des Textes et Manuscrits Modernes/Centre National de Recherche Scientifique



e que alteraram rumos, com desfechos inesperados e que possibilitam uma discussão ampla sobre determinada área de expressão.

Como no jornalismo, em que apesar da crença em verdades e definições precisas, o que se tem como desafio é justamente o dilema sobre o caminho a ser tomado. Investigar a produção jornalística pelo processo de elaboração, configura-se como uma possibilidade de se discutir a prática jornalística na contemporaneidade.

A troca do termo processo criador, por processo de elaboração deve-se à tentativa de evitar remetê-lo a algo produzido individualmente, sem interferência e contribuição de terceiros. Mesmo sendo individual, como a produção de um blog, há a presença do outrem. Na perspectiva semiótica trazida por Colaprieto (1989) o sujeito é um ser histórico e concreto, culturalmente sobre-determinado, inserido em uma rede de relações.

Ao abordar sobre a importância da semiótica na dilatação de fronteiras, Salles conta como algo novo surgiu com a atuação de “[...] pesquisadores com formações as mais diversas – pessoas que se interessavam e atuavam nas áreas de literatura, cinema, artes plásticas, arquitetura, jornalismo e publicidade. Assim, os manuscritos de diferentes linguagens passaram a exigir reconhecimento”, (SALLES, 2002, p.13).

Tendência observada por Daniel Ferrer (2000, p. 203) ao identificar que o desenvolvimento dos estudos genéticos sustenta-se nos esforços de alguns pesquisadores de “promover uma reflexão da crítica genética que atravesse as fronteiras dos gêneros e das artes”. O pesquisador identifica nos estudos desenvolvidos no Centro de Estudos de Crítica Genética, vinculado à PUC/SP a responsabilidade pela ampliação significativa dos limites da crítica genética.

Perspectiva que ao ser colocada em diálogo para outros campos do conhecimento recebe uma evidente expansão não apenas no objeto estudado, mas na abordagem. Considerando que a atenção passa de objetos estáticos de criação, para a mobilidade. Refiro-me a elaborações dinâmicas, em que seus objetos são ressignificados, em uma mobilidade contínua, a obra inacabada.

Essa expansão conceitual é avaliada por Salles e Cardoso (2007, pg. 47), em artigo publicado na revista *Ciência e Cultura*, ao observar que a teorização da crítica de processo possibilita uma discussão aprofundada dessas obras processuais, uma vez que “[...] o crítico necessita, como foi dito, de ferramentas que falem de movimento. Muitas dessas obras se dão no estabelecimento de relações, ou seja, na rede em permanente construção que fala de um processo, não mais particular e íntimo”.



2. Jornalismo na perspectiva da complexidade

Analisar o enredamento do jornalismo exige um entendimento que o perceba como parte de um conjunto em que uma das características é o fazer coletivo. É preciso destacar ao que Grego (2000, p. 41) identifica como a singularidade da natureza do fazer jornalístico: “... ele é um processo coletivo, o que o torna mais complexo”. Isso significa caminhar por um percurso onde a ação está sujeita também ao outrem, às interações e concepções individuais dos sujeitos envolvidos na atividade, que, por sua vez, recebem influência externa; seja da linha editorial da empresa, do contexto sócio-político, dos leitores, etc.

Trago o filósofo francês Edgar Morin para pensar tais questões, uma vez que o teórico nos oferece subsídios que possibilitam ponderar sobre este tema para além da particularidade do jornalismo. Ao propor uma sociologia da ciência, o autor observa que muito do que acontece no universo é mais geral do que se quer acreditar:

Como sabemos, o grande problema de toda organização viva – e, sobretudo, da sociedade humana – é que ela funciona com muita desordem, muitas aleatoriedades e muitos conflitos e, como diz Montesquieu, referindo-se a Roma, os conflitos, as desordens e as lutas que marcaram Roma não foram apenas a causa de sua decadência, mas também de sua grandeza e existência. Quero dizer que o conflito, a desordem e o jogo [...] não são resíduos a reabsorver, mas constituintes-chaves de toda existência social. (2010, p. 111)

Ao refletir sobre os conflitos nas produções em equipe, Morin lança luz sobre o protagonismo dessas relações, no sentido de que são repletas de sentidos.

Em abordagem teórica sobre processos coletivos, no artigo Jornalismo em processo, Cecília Salles (2011) retoma a analogia que Eisenstein (1987, p. 101) faz da produção cinematográfica com a construção de pontes e o trabalho do músico pela análise de que: “nunca toquei numa orquestra, mas acredito que uma estranha ocupação leva as pessoas ora a se envolverem, ora se divorciarem do traçado tão especial da ação coletiva [...] é o coletivismo do trabalho, quase uma dança marcada coletivamente, que une o movimento de dezenas de pessoas numa única sinfonia”.

A autora trás a analogia de Eisenstein para fundamentar que embora o entrelaçamento de atos individuais com a ação geral possa parecer óbvio a primeira vista, essa relação estabelece relevância nos processos em coletividade, “mas, sob a perspectiva dos estudos sobre processo, tem desdobramentos instigantes para refletir



sobre o modo de ação do coletivo: são indivíduos ou sujeitos que viabilizam as produções em equipe”, (2011, p.3).

São duas reflexões sobre o coletivo que trazemos para o campo do jornalismo. Assim, como já observara Salles, parece ser fundamental levar em conta tanto a colaboração e a competição que geram conflitos (descrito por Morin), como o entrelaçamento de ações com hierarquias e funções diferenciadas (atraente para Eisenstein). Trago essas referências, tendo como embasamento à discussão já desenvolvida por Salles, de que os estudos sobre processos são instigantes, na escala do coletivo, para se desenvolver pensamentos sobre tais questões.

Ao estabelecer esse diálogo, sobre a criação em processos coletivos, Salles prepara base para a conceituação sobre autoria em um contexto de colaboração coletiva e, ao mesmo tempo, individual.

Os acompanhamentos de diferentes percursos da criação, que venho fazendo ao longo de minha pesquisa [...] associados às reflexões de Colapietro, geram um conceito de autoria nesse espaço de interações múltiplas. É uma autoria distinguível, porém não separável dos diálogos com o outro; não se trata de uma autoria fechada em um sujeito, mas não deixa de haver espaço de distinção para seu modo específico de ação. A autoria se estabelece nas relações, ou seja, nas interações que sustentam a rede que vai se construindo ao longo do processo de criação. (SALLES, 2011, p. 3)

Uma autoria sedimentada em processos coletivos que, por sua vez, desenvolve-se na interação de indivíduos (sujeitos em rede de interações múltiplas), em meio a colaborações, comandos e hierarquias. Daí a complexidade da rede, responsável pelas ações coletivas.

Na procura por abranger distintas dimensões processuais no âmbito do coletivo, faz-se prudente conjecturar pela perspectiva da complexidade, ao trazê-la no contexto do jornalismo. Neste caso, podemos pensar a partir de variáveis distintas, mas, para melhor visualização, vamos dialogar pela abordagem da rede de sujeitos envolvidos no contexto das elaborações jornalísticas. Também, por conseguinte, pelas diferentes interpretações geradas durante a cobertura da imprensa sobre um determinado tema.

Para refletir a respeito da complexidade na comunicação pela analogia à rede de sujeitos que é constituída neste campo, faz-se necessário remeter ao paradigma da



complexidade. Trago à discussão de Edgar Morin que ao discorrer sobre o *complexus* dá as linhas gerais para uma estrutura do pensamento que reflita o todo indivisível.

Morin em sua obra 'A Inteligência da complexidade' direciona para o entendimento de que o conhecimento para ser pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus*, segundo ele, significa tecido junto, em um primeiro momento. Essa estrutura de pensamento reflete o todo indivisível. O todo nessa perspectiva é mais que a soma das partes. “Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico”, (MORIN, 2006, p. 13).

Para dialogar nesta perspectiva é preciso superar interpretações dicotômicas, não sendo recomendável seguir a cartilha positivista e separar as partes em busca de uma ordem objetiva. Em uma analogia para a área estudada, seria como pensar a atividade apenas pela sua produção, ou seja, por aquilo que é veiculado. Ou investigá-lo apenas na perspectiva da atuação do repórter, ou dos editores (*gatekeeper*). Edgar Morin ao refletir sobre esse desafio de lidar com a complexidade questiona-se sobre por que estamos desarmados perante a complexidade? Pergunta a que Morin mesmo responde:“(...) porque nossa educação nos ensinou a separar e isolar as coisas. Separamos seus objetos de seus contextos (...). A realidade, no entanto, é feita de laços e interações, e nosso conhecimento é incapaz de perceber o *complexus*”.(2002a, p.11)

O que está em jogo nessa discussão é o jornalismo nesta inserção, já que ao acolher essa forma de pensar, enfrentamos o emaranhado de laços e interações em buscas de suas significações e redirecionamentos, em direta oposição à fragmentação. Um desafio já que o principal instrumento da área, a linguagem jornalística, tem seus alicerces arraigados em conceitos positivistas e funcionalistas.

Tendência formativa apontada pela jornalista Cremilda Medina (2008) ao analisar a linguagem jornalística e identificar a influência dessa visão de mundo na atividade. "Estruturada pelos princípios positivo-funcionalistas, esta codificação (linguagem jornalística) propõe-se uma forma eficiente de comunicação coletiva, mas vive a contradição de um discurso muito pouco interativo.", (p. 11). Ao passo de estar na trajetória nitidamente assinalada pela modernidade, o jornalismo foi constituindo sua linguagem pelos postulados da racionalidade.



Dando continuidade à proposta de pensar a complexidade no jornalismo pela dimensão da rede de sujeitos, estamos a caminhar por um percurso onde a ação está sujeita também ao outrem, às interações e concepções individuais dos sujeitos envolvidos, que, por sua vez, recebem influência externa; seja da linha editorial da empresa, do contexto sócio-político, dos leitores, etc. Pode-se começar a pensar, a partir da rede de sujeitos constituída para a captação do conteúdo a ser informado ou contextualizado. Ou seja, as fontes recorridas para obtenção de entrevistas, checagem de dados, diferentes versões e análises em torno de um mesmo tema.

Trata-se de pessoas diretamente ligadas ao assunto abordado ou ao fato sucedido. Estamos falando de autoridades, especialistas no assunto ou na área referida, enfim, sociedade a que se pretende aludir. Há também os sujeitos que atuam no interstício desse processo e que podem ter interferência em sua dinâmica. São os administradores do empreendimento, investidores, homens de negócio, fontes financiadoras- que podem ser representadas pela figura de empresas, governos, autarquias, etc.

Nesta rede difusa de sujeitos e concepções envoltas à produção jornalística, há uma representação singular, o primeiro e último de toda a tessitura da atividade: o leitor. Personagem que ganha potência quando nos referimos ao jornalismo no contexto de evolução tecnológica, onde a interatividade maximiza participação, produção e retroalimentação de conteúdo e consumo. A discussão que queremos remeter nesta reflexão refere-se à complexidade de significações, de subjetividades, interpretações e acontecimentos intrínsecos à referida rede.

Ainda sobre a teia de sujeitos constituída em uma cobertura, remete-se também aos que estão diretamente ligados na execução do trabalho, ou seja, os próprios jornalistas. Neste caso, estamos fazendo referência a diferentes profissionais que exercem funções distintas; seja através da atuação do responsável pela produção da pauta, o produtor da reportagem, o repórter e redator, o editor, entre outras. Há especificidade de papel a ser desempenhado de acordo com a plataforma de mídia a que se trabalha. Uma rede imprevista e ramificada forma-se a cada cobertura, repleta de significações, acasos e subjetividades.

Na prática, isso é transmutado em uma mesma matéria, temos fontes ouvidas aleatoriamente, outras definidas pela identificação do jornalista, ou mesmo pela disponibilidade de tempo. Sujeitos em que não há contato ou interação compulsória



entre todos os envolvidos. A finalização é processada pelo editor, que necessariamente não precisa dialogar com o repórter, o responsável por ir a campo para a execução do material, captação de imagens, sonoras de televisão, ou entrevistas para sites e impressos. Estamos em meio à complexidade da atividade, a produção jornalística imersa neste conjunto.

Embora envolto na obtusa rede de sujeitos, o produto final da atividade é colocado para consumo em dinâmica compacta, que não remete diretamente ao cenário de significações produzidas. Investigar o jornalismo tendo sua inserção na complexidade significa adotar um instrumental teórico que reflita na busca de considerar o todo e suas singularidades, as ramas do tecido conjunto (Morin 2006).

Trata-se de um conjunto difuso, no sentido que não pode-se prever precisamente como será a formação da rede, mas que por ser harmonicamente apresentado para consumo, não deixa transparecer, pelo menos de forma direta, todos os fatores e conjunções envolvidos na sua produção.

As menções à rede não são apenas um vocábulo indicativo para expressar uma circunstância. Pelo contrário, o termo foi conceitualmente determinado já que a complexidade no jornalismo pode ser pensada pela perspectiva das redes complexas. Recorro a Pierre Musso (2013, p. 36) para refletir a complexidade pela analogia às redes como um veículo que "nos transmuda em "passantes", sempre mergulhados nos fluxos (de informação, de imagem, de sons, de dados...)".

Ao estudar a evolução conceitual dessa expressão em 'A filosofia da rede', Musso observa que apesar da polissemia da noção de rede explicar o seu sucesso também lança dúvidas sobre a coerência de seu conceito. Uma vez que o termo torna-se um 'receptor epistêmico', visto que tomou o lugar de noções antes dominantes, como sistema, processo ou estrutura.

O autor retoma a contextualização da referência a essa palavra ao longo da história para apontar que embora o seu excesso de usos metafóricos possa parecer o vazio em compreensão, por outro, é a prova de seu poder e de sua complexidade. A explosão conceitual do termo rede parece ser um novo paradigma ligado a um pensamento das relações. Ao que Musso (2013) mesmo aponta:

A rede parece, nos dias atuais, indicar o significado, não mais de verticalidade da torre da catedral esticada em direção ao supranatural, mas o da interconexão e de ligação, sem limite. A rede é comparável a



uma catedral cuja torre indicaria não mais o além, mas o futuro terrestre prometido. (P. 36)

Rede que cria, recria em infindáveis elaborações e retroalimentação. Ao refletir o processo de elaboração no jornalismo, sob o ponto de vista da semiótica de linha peirceana, como uma rede em construção, "...destacamos que se trata de um percurso sensível e intelectual de produção de objetos artísticos, científicos e midiáticos", assim como sintetiza Salles (2011) em seu artigo *Jornalismo em Processo*. Incorporamos, desse modo, também o conceito de semiose, por entendê-lo como indispensável para abranger os processos de criação no jornalismo. De maneira que a criação é percebida como uma representação, ou seja, como um signo.

Estamos na complexidade integrante do processo, com olhar também sobre as significações intersemióticas. Para tanto, as produções jornalísticas são consideradas no contexto da não-linearidade. Ao assumir o conceito de rede trazido por Cecília Salles (2006, p. 27), em que supera-se a dicotomia, enfrentamos a simultaneidade de ações, a ausência de hierarquia e o intenso estabelecimento de nexos. Assim, o jornalismo em processo.

Em meio a essa discussão, nos referimos a produção jornalística não apenas restrita ao que é apresentado para consumo. Podemos desenvolver essa abordagem tanto pelo aspecto de que notícias ganham novas roupagens e significações, como pela esfera de que uma notícia específica pode ser apenas o pontapé inicial de uma cobertura com contornos opostos ao de seu início. Ao olhar determinada produção, necessariamente não temos a rede de possibilidades e ligações que dela surgiram ou ainda estão em produção.

O *VT* transmitido pela televisão, o áudio editado e publicado via hipermedialidade do site, a imagem capturada pelos jornais de tão precisa, escamoteia a ideia de supressão. No sentido de que o que foi selecionado e editado não necessariamente resume todo o material coletado pelo jornalista. Embora, ao ser apresentado, possa projetar a sensação de retratar a realidade em sua plenitude. Isso considerando que as acepções elaboradas a partir das produções jornalísticas atuam na sedimentação do real.

Enne e Tavares (2004, p.5) apontam esse aspecto como fundamental no jornalismo da sociedade contemporânea, em que esse "se apresenta como um formador



de opinião, como um cristizador de visões acerca do real”. Mas basta uma nova edição, uma simples revisão de conteúdo para se obter uma outra versão. Notícias que são replicadas pelas redes sociais ganham novas perspectivas. As vezes dentro de um mesmo grupo de comunicação, de um jornal para outro, uma nova edição define por imagens diferentes, que por sua vez revelam sequências específicas de um mesmo fato e mostram uma outra dimensão do mesmo trabalho jornalístico. Dinâmica que envolve elementos técnicos e humanos.

Mobilidade intrínseca a processos de criação, em que Cecília Salles **ano** denomina como aquilo que é “mostrado publicamente”, já que potencialmente, pode ser modificado se houvesse tempo e vontade. Pretendesse-se ofuscar aqui a ideia de algo fechado (mobilidade permanente).

Em busca remeter a esse movimento, abordamos o jornalismo como um fenômeno de comunicação sob o ponto de vista de seus processos de construção, em outras palavras, jornalismo em processo. Mobilidade em que não há um ponto de partida e de chegada, visto que o olhar está justamente no movimento, na complexidade dessas interações e relações.

Um olhar que considere essa mobilidade imprevisível no jornalismo em que Salles (2011, p. 10), ao apontar essas características do jornalismo em processo, propõem uma "abordagem teórica que tenha como propósito a compreensão dos objetos da comunicação como rede complexa de interações, sempre em estado potencial de transformação: uma crítica de processo."

Algumas análises

Trazemos algumas reflexões surgidas em meio ao acompanhamento que estamos fazendo sobre a cobertura da mídia ao tema sócio-ambiental para pensar essa forma de abordagem. Neste caso, a crítica de processo trouxe instrumental teórico no sentido de abranger a complexidade não apenas das produções, mas entremeada ao denso contexto onde o fato ocorre. No sentido de auscultar essas significações, na rede complexa de relações ao longo de sua produção e também da retroalimentação. Visto que referem-se a matérias que ao serem colocadas em diferentes plataformas, o processo interativo ganha potência, em especial nas mídias digitais.

De modo mais específico, o processo jornalístico estudado refere-se à demarcação de reservas indígenas, ainda em discussão no país. Tendo como objeto o



acompanhamento e análise referente à cobertura da imprensa brasileira sobre o processo de desintrusão na área considerada pela Justiça Federal como sendo a terra indígena xavante Marãiwatsédé, no Centro-Oeste brasileiro, estado de Mato Grosso, na divisa territorial com o estado do Tocantins e do Pará. Tendo como enfoque de análise a cobertura jornalística dos jornais Folha de São, Estadão, Folha do Estado e Repórter Araguaia e seus respectivos portais de notícias.

O conflito agrário entre posseiros (população que habita a área, mas sem ter histórico genealógico local) e indígenas tramitou por mais de 10 anos no Supremo Tribunal Federal (STF) e teve como desfecho o conflituoso processo de *desintrusão* de não índios da área, ocorrida em dezembro de 2013, após decisão legal.

No ápice da referida disputa, durante o momento de retirada das famílias do local, contatou-se a formação de um *pool* de jornalistas no local de apuração dos acontecimentos. Algo que até poderia ser considerado normal em alusão à cobertura de assunto de interesse público como este. Mas não se tratando desta localidade. Já que o transporte aéreo é restrito na região, apenas em aeronaves particulares e, em caso terrestre, é comum, ficar mais de 24 horas na estrada, quando a referência é a capital do estado, Cuiabá. O que significa custo elevado para as empresas de comunicação.

A rede de profissionais formada na cobertura do tema, neste caso, não ficou restrita ao Brasil, mas do mundo, como exemplo temos a agência de notícias Reuters e ainda organismos autônomos de notícias, financiados por Organizações Não Governamentais.

Embora seja aparentemente, neste caso, uma questão geograficamente restrita ao local e às comunidades envolvidas no processo de reconhecimento ou não da reserva indígena, a abordagem dada pela imprensa sobre o fato estabelece uma maximização da situação e conseqüente interesse global pelo assunto. Temas que, apesar de inseridos em um contexto local, ganharam dimensão global, na passagem do espetáculo ao simulacro. Trata-se da “nulificação do real e dos símbolos pelas imagens e pelos sons enviados” (CHAUI, 2006, p.16) em um simulacro de acompanhamento global.

Escalada de imagens, anseios, culturas, conceitos e acontecimentos que passam do virtual para o real. Temas que mesmo transmitidos em fragmentos suprimem distâncias espaciais e despertam interesse global sobre o assunto veiculado. A percepção e reflexão sobre o processo de maximização do real, do acontecimento local que ganha



repercussão planetária, foi motivadora na escolha do objeto e também pela participação da autora na cobertura do tema, na ocasião.

São interações e processos interligados por redes em que a dimensão social da complexidade gera questões a serem pensadas. Uma delas está na ambiência estrutural não apenas em que os fatos ocorrem, mas no contexto de apuração das matérias jornalísticas.

Estamos falando de uma longa disputa judicial, que em seu ápice o conflito tornou-se eminente. Assim, as produções jornalísticas ocorrem em meio a um outro cenário: da matéria burocrática baseada em decisões judiciais elaboradas nas redações, o profissional assume o campo de batalha.

Durante a apuração das reportagens, em que parte dos jornalistas correspondentes já estavam na região, um bloqueio na BR-158 provocou uma separação física entre posseiros e indígenas. Uma vez que formou-se uma barreira impedindo a passagem entre a cidade de São Felix do Araguaia e o local denominado como Posto da Mata e a reserva indígena- em Marãiwatsédé. Dessa forma, os jornalistas que chegaram antes do bloqueio e estavam nas proximidades da aldeia indígena, ficaram 'sitiados' naquele lado, já os demais profissionais, ficaram restritos ao espaço mais urbano, em que posseiros e suas famílias habitavam.

Retomo ao contexto em que as produções jornalísticas ocorreram para deixar interessante espaço para refletir sobre a rede de sujeitos formada no campo do jornalismo. Uma vez que a rede constituída ao longo da produção jornalística dos correspondentes, como menciono, desenvolve-se em meio a este contexto restritivo. Estamos falando não só de escolhas, aleatoriedade, mas também de impedimentos. Em meio a transitoriedade imposta pelo tempo. Visto que é exigido um ritmo de produção aos jornalistas correspondente para que produzam material de forma a alimentar a produção diária, mesmo em meio a um contexto adverso.

Percebe-se essa quase 'obrigação' em produzir de forma recorrente até mesmo pela linguagem das referidas reportagens. Como em notícia publicada no jornal Folha do Estado, onde o título revela de forma indireta essa característica "Após uma semana, doze fazendas foram liberadas", conforme reportagem publicada no periódico em 18/12/2013.



Outra característica significativa, refere-se à particularidade paradoxal que permeia o ambiente do conflito. Contradições que adquirem significância quando os jornalistas adentram ao contexto local para apurar o enfrentamento e a eminente desintração. Com fauna e flora que mantém rica biodiversidade, a terra considerada sagrada na cultura indígena, lembra o paraíso, nas peles avermelhadas e despidas da população local. Por outro lado, a falta de infraestrutura remete ao esquecimento da região, um ‘castigo’.

Espécies animais já extintas em outros territórios, mas que por ali habitam. Paraíso natural que contrasta ante à imagem do atraso, quando transmutado no sentido do progresso civilizatório. O progresso, como denomina a população local, não chegou por lá, em sua representação de estradas pavimentadas, telefonia celular abrangente e multinacionais. Há na cidade, portanto, uma atmosfera ímpar; do santo ao profano, em apenas um ambiente.

Estamos em meio à dramaturgia do processo. Pode ser a inércia, a falta de vontade, o contrário, o afastamento do grupo. Cada um vai ter uma história que está sendo contada, composta de escolhas, de contexto, diferenças. No caso em específico, temos jornalistas que apuraram o processo de desintração no posto da Mata (área urbana) e outros já nas imediações da reserva indígena.

Daí tem a questão de como lidaram com diferentes escolhas e, ou, imposições. Neste caso, temos a questão sobre conflito de interesse, conceitos, pressões e em como isso acontece em meio às interações em grupo. Estamos em meio à materialidade da dramaturgia desse processo e em como isso interage nas elaborações jornalísticas.

Outra especificidade é que a atuação da imprensa internacional neste tema adquiriu enfoque de análise, visto que no acompanhamento da cobertura jornalística, identificou-se que agências internacionais mantêm correspondentes em áreas de conflito brasileiras. Esses empreendimentos jornalísticos também alimentam veículos brasileiros com seus materiais. A atuação dessas agências internacionais de notícias inserem-se, dessa forma, nos critérios de cobertura utilizados na imprensa nacional, na medida em que os jornais brasileiros veiculam suas respectivas matérias. Identificou-se a replicação dessa material, mesmo por empresas jornalísticas com correspondentes na área. Situação verificada, por exemplo, no procedimento aplicado pelo jornal Folha de São Paulo. Neste caso, podemos provocar algumas reflexões sobre os critérios jornalísticos



utilizados na cobertura em meio ambiente. Em relação a qual perspectiva de imprensa está sendo passada? E qual visão de meio ambiente é produzida?

Estudo que expõem não só novas relações do jornalista com o tempo, mas discute as tendências do processo sob o ponto de vista da comunicação. Assim como refere-se Salles estamos falando do aspecto social dos processo. "Estamos nos referindo à tendência para o outro (...) envolve não só relações culturais, mas também uma grande diversidade de diálogos de natureza inter e intrapessoais do jornalista", (2011, p. 8).

São indicações e apontamentos que ambicionam trazer para o contexto do jornalismo a complexidade de seu processo de produção.

Considerações

Partindo de uma perspectiva que pensa o texto jornalístico como um todo complexo repleto de signos e significados pode se inferir que a crítica de processo pode permitir que os pesquisadores da produção jornalística encontrem neste implexo de pegadas, pistas que permitam encontrar caminhos, corrigir percursos enfim compreender as redes de relações que fazem parte do fazer jornalístico.

No caso estudado percebemos uma intensa relação de interesses seja dos grupos indígenas e de seus representantes, seja dos grupos jornalísticos, seja do poder hegemônico do capital.

É, portanto neste campo cheio de interesses, relações de poder e dominação que o jogo do fazer jornalístico ocorre, o que nos leva a uma profunda reflexão sobre seu processo.

Por fim, faz-se necessário que em estudos subsequentes novas coberturas sejam estudadas, novos marcos referenciais sejam discutidos, pois as ciências e seus métodos, verdades e metodologias não são algo acabado em si, mas em constante processo de criação e recriação.

Referências bibliográficas

CHAUI, Marilena. (2006). Simulacro e poder. **Uma análise da mídia**. São Paulo: Perseu Abramo.

COLAPIETRO, Vicente. (1989). *Peirce's approach to the self: a semiotic perspective on human subjectivity*. New York, State University of New York.



COLAPIETRO, Vincent. (2003). “The loci of creativity: fissured selves, interwoven practices”. Em **Manuscrita – Revista de crítica genética** 11. São Paulo: Annablume.

GREGO, Aline. (2000). **Processo: documentos de processo jornalístico**. Symposium, Pernambuco, n.1, ano 4, pag. 40 - 45, jan/jun.

EISENSTEIN, Serguei. (1987). **Memórias Imorais: uma autobiografia**. São Paulo: Companhia das Letras.

ENNE, A.L.S. ; TAVARES Cristine. (2004). **Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica**. Novo Enfoque Revista Eletrônica da Pró reitoria de Pesquisa Ucb, Rio de Janeiro, n 1.

FERRER, Daniel. (2000). **A crítica Genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá**. Anais do VI Encontro Internacional da APML: Fronteiras da Criação. São Paulo: Universidade de São Paulo.

MEDINA, Cremilda. (2008). **Ciência e Jornalismo: da herança positiva ao diálogo dos afetos**. São Paulo-SP: Summus Editorial.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. (2000). **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis.

MORIN, Edgar. (2002^a). **A Inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis. “Complexidade e ética da solidariedade”. Em CASTRO, G., CARVALHO, E. de A e ALMEIDA, M. da C (orgs). Ensaio de Complexidade. Porto Alegre: Sulinas.

MORIN, Edgar. (2006). **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Francês Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulinas.

MUSSO, Pierre. (2013). **A filosofia das redes**. Org. André Parente. Tramas da Rede. Porto Alegre: Sulinas.

SALLES, Cecília. (2002^a). **Comunicação em Processo**. *Artigo Galáxia*, n^a 3. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1255/759>, acesso em 23/02/2015

SALLES, C. (2002). Artigos Análises e Extensões. *Artigo Galáxia*, n^a 3. Disponível em: file:///C:/Users/user/Downloads/1255-2755-1-PB.pdf, acesso em 23/10/2013

SALLES, Cecília. (2006). **Redes da Criação. Construção da Obra de Arte**. São Paulo: Horizonte.

SALLES, Cecília e CARDOSO, Daniel Ribeiro. (2007). **Crítica de processo - Um estudo de caso**. Revista Crítica Genética. vol.59 no.1 São Paulo Jan./Mar.

SALLES, Cecília Almeida. (2008). **Crítica genética:fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. – 3^a ed. revista. — São Paulo: EDU.